

# REDES GEOGRAFICAS: Uma caracterização da rede religiosa da Associação Batista Feirense (ASBAF)

Mauricio de Santana Dias - mdiasgeo@yahoo.com.br<sup>1</sup>  
Alessandra O. Araújo (orientadora) – aolivaraujo@yahoo.com.br<sup>2</sup>

## Resumo

O objeto de estudo da geografia é o espaço geográfico, ou seja, as relações travadas entre a sociedade e por esta e a natureza, mediante o trabalho, mas vale ressaltar que a ciência geográfica se apropria de vários outros conceitos: espaço, região, paisagem, lugar e território, e de temas: redes, geopolítica e territorialidade, desterritorialidade, entre outros para análise do espaço geográfico. Sendo assim iremos nos apropriar do estudo das redes geográficas, tendo como objetivo geral a caracterização da rede religiosa da Associação Batista Feirense (ASBAF), segundo Corrêa (1997) e como objetivos específicos identificar as especificidades da mesma, bem como um contraponto com outras redes religiosas, especialmente das Igrejas Pentecostais. Este trabalho se justifica pela importância da influência do caráter ideológico<sup>3</sup> dessas redes religiosas em seus membros, os quais são sujeitos (ativos e/ou passivos) na organização do espaço geográfico, bem como a ampliação do conhecimento geográfico, sobretudo do conhecimento da geografia das redes. Para a confecção deste trabalho foram realizadas leituras acerca do referencial teórico, onde nos utilizamos das concepções de Corrêa (1997); Dias (1995, 2003, 2005); Rafesttin (1993); Santos (1997) para fundamentação teórica das redes geográficas e de Lima (1997); Gaarder (2003); Almeida (2005) para fundamentação conceitual acerca da rede religiosa. Em visita à sede da ASBAF, em Feira de Santana, foram obtidos dados históricos, geográficos e organizacionais da mesma. O mapa utilizado para a espacialização das igrejas associadas situadas na zona urbana de Feira de Santana foi o adotado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) do município, dividido em 44 bairros. O mapeamento do restante das igrejas associadas situadas em outros municípios adjacentes à Feira de Santana foi realizado a partir do mapa do Estado da Bahia, dividido em mesorregiões geográficas, segundo IBGE, 1990, extraído de Silva (2004, 26). Além do computador para digitação do trabalho foram utilizados o programa *Paint* da Microsoft para adaptação dos mapas.

Palavras-chave: Redes geográficas, Redes Religiosas, ASBAF.

## 1. Introdução

O objeto de estudo da geografia é o espaço geográfico, ou seja, as relações travadas entre a sociedade e por esta e a natureza, mediante o trabalho, mas vale ressaltar que a ciência geográfica se apropria de vários outros conceitos: espaço, região, paisagem, lugar e território, e de temas: redes, geopolítica e territorialidade, desterritorialidade, entre outros para análise do espaço geográfico. Sendo assim iremos nos apropriar do estudo das redes geográficas, tendo

---

<sup>1</sup> Estudante do curso de Geografia da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS).

<sup>2</sup> Professora do Departamento de Ciências Humanas e Filosofia da UEFS ministrante da Disciplina Geografia das Redes.

<sup>3</sup> Para melhor exemplificar, ver: WEBER, Max. **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**. São Paulo: Ed. Martin Claret, 2006. Nesta obra o autor aborda como as concepções teológicas protestantes influenciaram na acumulação de capital, a partir dos dogmas difundidos por estes religiosos, após a segunda metade do segundo milênio.

como objetivo geral a caracterização da rede religiosa da Associação Batista feirense (ASBAF), segundo Corrêa (1997) e como objetivos específicos identificar as especificidades da mesma, bem como um contraponto com outras redes religiosas: Católica e as igrejas neopentecostais. Este trabalho se justifica pela importância da influência do caráter ideológico dessas redes religiosas em seus membros, os quais são sujeitos (ativos e/ou passivos) na organização do espaço geográfico, bem como a ampliação do conhecimento geográfico, sobretudo do conhecimento da geografia das redes. O artigo está estruturado da seguinte forma: Introdução, onde destacamos os objetivos (geral e específicos) e a justificativa do estudo. No item seguinte está detalhada a metodologia utilizada para confecção do trabalho. No item intitulado *De que redes estamos falando?* Discutiremos brevemente o conceito de redes, especialmente a partir de Corrêa (1997), Rafesttin (1993), Dias (1996, 2003), entre outros. Na quarta parte, inicialmente, iremos fazer a caracterização histórica e de abrangência espacial da ASBAF, na escala estadual e local (a presença dos templos nas cidades circunvizinhas e nos bairros da cidade de Feira de Santana, respectivamente). Depois iremos fazer um breve contraponto entre a rede religiosa da ASBAF com as Igrejas Neopentecostais e a Igreja Católica e, utilizando as concepções de Almeida (2005), Lima (1997) e Gaarder, (2000) e, logo após caracterizar a rede religiosa da ASBAF, segundo Corrêa (1997). Concluiremos com os resultados e discussões desta caracterização e em seguida com as referências utilizadas para elaboração do trabalho.

## **2. Metodologia**

Para a confecção deste trabalho foram realizadas leituras acerca do referencial teórico, onde nos utilizamos das concepções de Corrêa (1997); Dias (1995, 2003, 2005); Rafesttin (1993); Santos (1997) para fundamentação teórica das redes geográficas e de Lima (1997); Gaarder (2003); Almeida (2005) para fundamentação conceitual acerca da rede religiosa. Em visita à sede da ASBAF, em Feira de Santana, foram obtidos dados históricos, geográficos e organizacionais da mesma. O mapa utilizado para a espacialização das igrejas associadas situadas na zona urbana de Feira de Santana foi o adotado pela Secretaria de Planejamento (SEPLAN) do município, dividido em 44 bairros. O mapeamento do restante das igrejas associadas situadas em outros municípios adjacentes à Feira de Santana foi realizado a partir do mapa do Estado da Bahia, dividido em mesorregiões geográficas, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 1990, extraído de (SILVA, 2004, p. 26). Além do computador para digitação do trabalho foram utilizados o programa *Paint* da Microsoft para adaptação dos mapas.

## **3. De que redes estamos falando?**

O vocábulo *redes* assume várias denotações, porém vale ressaltar que nesta parte do trabalho iremos nos referir às *redes geográficas*, ou seja, onde um conjunto de pontos, situados no espaço, que estão interligados entre si (CORREA, 1997, p. 131), material ou imaterialmente. As *redes geográficas* subdividem-se em várias outras: rede urbana, redes técnicas, redes de informações, rede de transportes, entre outras. Possuem algumas características e qualidades: conexidade, exclusão, integração, etc. Sendo assim, é de extrema importância o estudo das *redes geográficas* sobrejacentes à superfície terrestre.

Em virtude do grande leque de possibilidades de estudos acerca das *redes geográficas* será preciso um recorte, onde iremos tratar, neste item do trabalho, da relação entre as *redes* e a apropriação do território, a partir de Rafesttin (1993), de algumas características das *redes*, segundo Dias (2003) e as *redes técnicas* com Dias (1996).

A conexidade é uma importante propriedade das *redes*, como salienta Dias (2003), onde as localidades (pontos) são conectadas entre si através das *redes* (informacionais, rodovias, ferrovias, entre outras). Porém essa conexão não é aleatória. Rafesttin (1993), em *Por uma Geografia do Poder* faz uma excelente ligação entre as *redes* e o poder, através das duas faces da mobilidade das *redes*: a circulação e a comunicação. Segundo o autor o domínio, tanto da

circulação quanto da comunicação são essenciais para se dominar o território. A circulação é “(...) transferências de seres e de bens lato senso” e a comunicação “(...) é a transferência de informação”(REFESTTIN, 1993, 200). Rafesttin argumenta que a comunicação é a verdadeira fonte do poder, pois a partir do seu domínio, também se controla a circulação (Ibdem, 203). Ainda segundo Rafesttin, relacionando as redes ao poder. Somente para exemplificar, a implantação ou desativação das redes sobre determinado território está relacionado com sua evolução histórica, o modo de produção, entre outros.

É conveniente, pois, decifrar as redes por meio de sua história e do território no qual estão instaladas, por meios dos modos de produção que permitiram sua instalação e das técnicas que lhes deram forma. As redes são não somente a exibição do poder, mas são ainda feitas à imagem do poder (REFESTTIN: 1993, p. 209).

O modo de produção foi mudado no território brasileiro desde seu *achamento* até os dias atuais – passagem do modo de produção escravista para o modo de produção capitalista – mudanças que foram responsáveis pela implantação de diferentes redes no mesmo território ao longo dos tempos, conforme o modo de produção vigente. Para esclarecer melhor, no período do modo de produção escravista no Brasil (Século XVI a XIX) e da *plantation* a rede urbana brasileira era do tipo *arquipélago*, ou seja, eram regiões desarticuladas internamente entre si, mas ligadas diretamente com o mercado externo, via exportação de produtos primários. Com a abolição da escravatura o modo de produção anterior é substituído pelo modo de produção capitalista, o qual vai ser responsável pela reestruturação da rede urbana brasileira, sobretudo no século XX (BECKER e EGLER, 1993). Ainda no tocante ao território, as redes atuam como integradoras como também atuam no desrespeito às suas fronteiras. No primeiro caso concordamos com Dias

Existe um discurso variado sobre a relação entre as redes e os territórios, (...). Em certos casos, a rede aparece como fator de coesão: ela integra pontos e/ou lugares. Assim, por exemplo, a rede nacional de telecomunicações, instalada nas décadas de setenta e oitenta do século vinte, materializa o território de projeto nacional brasileiro, tal qual ele foi concebido pelos sucessivos governos militares. (DIAS, 2005, p. 90)

Podemos citar como exemplo de redes que integram o território, a implantação da rede ferroviária em diversos países do mundo, em virtude da Revolução Industrial, inclusive no Brasil. A atuação da Igreja Católica na evangelização dos índios através das missões, sobretudo ao longo do rio Amazonas. Os militares, na época da ditadura com projetos ligados a informação e influenciados pelo capital e interesses norte americanos, entre outros. Mas com o aumento das técnicas houve um processo contraditório ao da integração, principalmente entre as fronteiras de um determinado país. Essa integração passou a ser em uma escala continental e planetária, a exemplo da Internet, e-mail, vídeo conferência e outros meios eletrônicos. Porém esse processo ameaça as fronteiras fixas, conforme Santos “(...) a mundialização das redes enfraquece as fronteiras e compromete o contrato, mesmo se ainda restam aos Estados numerosas formas de regulação e controle das redes” (SANTOS, 1997, p. 215). Essa mundialização das redes somado a relativa facilidade no acesso às tecnologias comprometem os mercados internos de vários países, sobretudo com a pirataria de produtos que entram tanto pelas fronteiras naturais sem a devida fiscalização, no caso do Brasil/Paraguai, bem como nos programas de computadores que baixam arquivos de qualquer localidade do mundo, transportando grande fluxo de informações, direitos autorais, espionagem entre empresas, entre outros, as quais seriam inviavelmente transportáveis se não fossem por meio dessas redes técnicas.

Ainda nos referindo às redes técnicas, Dias (1996) expressa idéias convergentes com Rafesttin (1993), ou seja, o nível técnico de uma determinada sociedade e da infra-estrutura

instalado no território (rodovias, ferrovias, portos, antenas de comunicação, etc) somados aos interesses políticos e do mercado, formatarão as redes subjacentes a esse território, favorecendo sua coesão. Porém Dias (1996) faz uma ressalva que também as redes técnicas tem o caráter de exclusão, pelo fato de boa parte da população não estar conectada a essa rede, como mostra o resultado do seu estudo acerca da utilização da rede TRANSDATA.

De fato, uma grande parcela da população permaneceu completamente excluída do processo de modernização pelo qual o país passou nos últimos anos: entre 1985 e 1991 a utilização da rede TRANSDATA aumentou 604%, a telefonia de negócio 86% e a residencial apenas 20% (DIAS, 1996, 127-8).

Segundo a afirmação da autora fica demonstrado que a implantação das redes de comunicações estudadas pela mesma foram influenciadas e utilizadas predominantemente por aqueles que representam os interesses de mercado. Veja a grande diferença entre o aumento percentual da rede TRANSDATA (604%), da telefonia (86%) e o aumento bem inferior no tocante ao uso residencial (20%), constatando que a população (que estava inserida nesta rede telefônica na época da pesquisa), de um modo geral, foi a menos beneficiada na utilização e dessas redes técnicas.

Os estudos das redes geográficas são utilizados por muitos profissionais na atualidade, porém cabe ao geógrafo a sua apropriação como instrumento de análise do espaço geográfico, território, região, paisagem e lugar, conceitos importantes para ciência geográfica. Certamente que a nossa breve análise das redes neste trabalho consiste numa possibilidade em inúmeras existentes.

#### **4. ASBAF: Histórico, espacialização e caracterização**

A ASBAF (Associação Batista Feirense) foi fundada em 1956 com apenas duas igrejas: Primeira Igreja Batista, organizada em 1947 e a Segunda Igreja Batista, organizada em 1951. Atualmente a ASBAF é formada por quarenta e três igrejas associadas, sendo que destas, vinte e cinco estão no município de Feira de Santana, conforme o mapa 1 e as outras dezoito em outros municípios, conforme mapa 2.

Alguns bairros possuem mais de um Templo Batista filiado à ASBAF, como por exemplo, os bairros do Campo Limpo, Centro, Parque Ipê e Muchila. Vale destacar algumas observações acerca do bairro do Campo Limpo, uma vez que uma das três Igrejas situadas no bairro está no Conjunto George Américo, o qual está inserido no bairro Campo Limpo. No bairro do Centro, além da PIB (Primeira Igreja Batista) de Feira de Santana estão também inclusas a SIB (Segunda Igreja Batista) situada na Kalilândia, e a Igreja Batista Aliança, situada no Tanque da Nação, ambos circunscritos no bairro Centro.

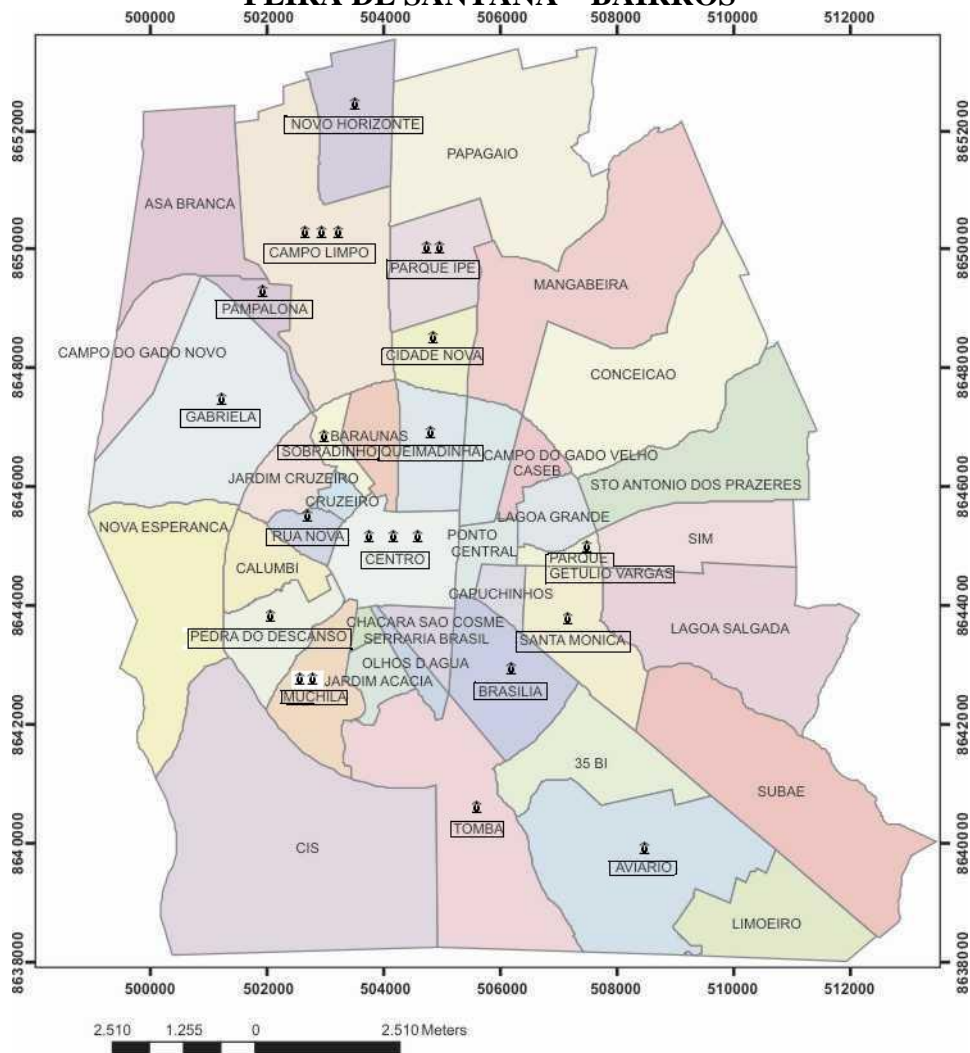
A Igreja Batista do Feira X está situada no conjunto de mesmo nome e este está circunscrito no bairro do Muchila além de outro templo situado neste bairro. A Igreja Batista Rosa de Sharon, situada na Pedra Ferrada, à noroeste de Feira de Santana, bem como a Igreja Batista Monte Sinai, situada no Km 18 da BR-116 Norte, não estão espacializadas neste mapa, em virtude das mesmas não fazerem partes da zona urbana do município. No bairro do Parque Ipê estão situadas duas Igrejas Batistas e os restantes dos bairros estão representados por um único Templo Batista. Dos 44 bairros de Feira de Santana, dezessete estão cobertos por templos batistas filiados à ASBAF.

Outra observação pertinente é o fato de que este mapeamento está levando em conta somente as Igreja Batistas filiadas à ASBAF, porém essas mesmas Igrejas mantêm pontos de pregações e congregações<sup>4</sup>, geralmente em outros bairros ou até mesmo em outros municípios. Existem outras igrejas intituladas de Batista, porém não filiadas à associação em estudo.


---

<sup>4</sup> Pequenos Templos onde são desenvolvidos cultos e outros trabalhos evangelísticos como se fossem extensão da igreja sede.

## MAPA 1 FEIRA DE SANTANA – BAIROS



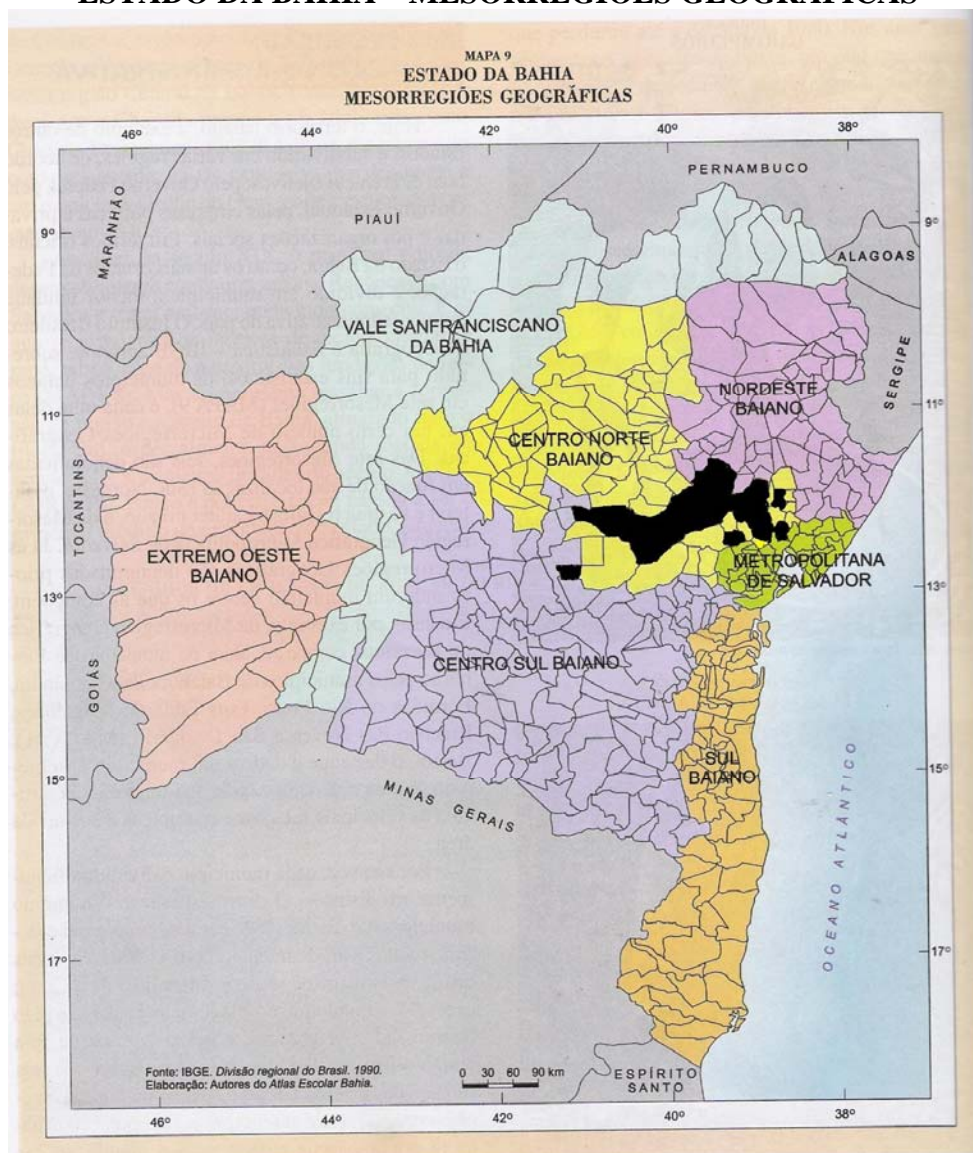
FONTE: SEPLAN, 2003. *Adaptado.*

LEGENDA:  - Igrejas Batistas Filiadas a ASBAF

O restante dos Templos Batistas estão situados em outros municípios: Santa Bárbara, Tanquinho, Riachão do Jacuípe, Amélia Rodrigues, Pé de Serra, Ipirá, Serra Preta, Anguera, Santo Estevão, São Gonçalo dos Campos, Conceição do Jacuípe, Itaberaba, Rui Barbosa, Nova Redenção, bem como em localidades nos entornos de tais municípios, uma vez que cada igreja associada tem seus trabalhos missionários independentes espalhados pelos bairros e localidades próximas aos municípios que estão sediadas, conforme mapa 2. Sendo assim a ASBAF se faz presente em dezesseis municípios, incluindo Feira de Santana.

A área de abrangência geográfica da ASBAF no Estado da Bahia está concentrada no sudeste da Mesorregião Centro Norte Baiano, mais precisamente nas Microrregiões de Feira de Santana e Itaberaba, porém a associação se faz presente além das fronteiras dessa mesorregião. O município de Nova Redenção pertence a Mesorregião Centro Sul Baiano, na Microrregião de Seabra. Riachão do Jacuípe e Pé de Serra estão situados na Mesorregião Nordeste, na Microrregião Serrinha e a cidade de Amélia Rodrigues, onde estão situadas três igrejas associadas, está circunscrita na Mesorregião Metropolitana de Salvador, na Microrregião de Catu. Outra observação importante a partir da figura é o caráter de contigüidade entre os municípios alcançados pela presença Batista, mediante a ASBAF, com exceção somente da cidade de Nova Redenção.

## MAPA 2 ESTADO DA BAHIA – MESORREGIÕES GEOGRÁFICAS



FONTE: SILVA, Bárbara-Christine Nentwig. *Et al.* 2004. *Adaptado.*

LEGENDA: ■ Municípios com presença de templos Batistas filiados a ASBAF

As Igrejas Batistas, articuladas pela ASBAF, formam uma rede religiosa com características próprias. O caráter congregacionista das igrejas batistas é destacado no estatuto da ASBAF, bem como em seu regimento interno, ou seja, “(...) apenas recomenda-lhes a maneira pela qual poderão cooperar com os trabalhos associacionais, respeitando-se o princípio de autonomia e independência das Igrejas Batistas”<sup>5</sup>.

A independência congregacional dos batistas vem de suas origens, sendo preservado até os dias atuais, guardando às exceções. Segundo Lima (1997, p.17) ao escrever acerca da História dos Batistas<sup>6</sup> “(...) o Separatismo defendia as idéias Congregacionais da autonomia das igrejas locais na escolha dos seus pastores, o sacerdócio dos crentes, a conversão como meio necessário para alguém pertencer a uma igreja, etc.” Essa característica congregacional dos batistas tem a mesma conotação entre a concepção de Lima e do Estatuto da ASBAF.

<sup>5</sup> Trecho extraído do Artigo 3º do Estatuto da Associação Batista Feirense (ASBAF), publicado em 31 de Outubro de 1999.

<sup>6</sup> Termo utilizado para designar os membros das Igrejas Fundamentalistas, uma espécie de batista conservador.



Gaarder (2003), aborda o caráter congregacionista dos Batistas corroborando com a idéia de independência citada anteriormente, acrescentando a similaridade na organização interna das Igrejas Batistas.

Congregações independentes com pastores empregados pelos membros da congregação. Há uma série de associações maiores de congregações batistas, mas elas não detêm nenhuma autoridade especial sobre as congregações. São fortemente congregacionistas, isto é, têm uma forma bastante igualitária de organização eclesiástica” (GAARDER, 2000, 203).

As associações maiores referidas pelo autor podem ser visualizadas no organograma a seguir, onde a ASBAF está subordinada a Convenção Batista Baiana (CBBa) e esta à Convenção Batista Brasileira (CBB) e por fim o topo do organograma está a Aliança Batista Mundial (ABM), fundada em 1905, com sede nos Estados Unidos. Essa *forma bastante igualitária de organização eclesiástica* se refere a organização da estrutura interna de cada igreja. As organizações internas: Sociedade de Homens, de Mulheres, Gamistas, Embaixadores do Rei e os Ministérios: Pastoral, de Missões, Educação Religiosa, de Evangelismo, entre outros, são similares na maior parte das igrejas batistas, diferindo somente os dias dos trabalhos (cultos, reuniões, assembléias, etc) realizados em cada uma delas.

A igreja estruturada com esses grupos, caracterizados por faixa etária, segundo tabela 1, favorece uma afirmação identitária dupla, uma como cristão, incluído no *corpo de Cristo* por compartilhar da mesma fé e outra do ponto de vista etário e de gênero. Um outro fato importante se refere ao desempenho das funções da membresia, ou seja, ao se identificar em um desses grupos a participação nos trabalhos da igreja<sup>7</sup> se tornam mais prazerosos. Além de promover mais coesão entre os membros.

**TABELA 1**  
**RELAÇÃO DAS ORGANIZAÇÕES INTERNAS E AS RESPECTIVAS FAIXAS ETÁRIAS**

<i>ORGANIZAÇÃO</i>	<i>FAIXA ETÁRIA</i>
Amigos de Missões (AM)	4 - 9
Embaixadores do Rei (ER) Mensageiras do Rei (MR)	9 -16
Grupo de Ação Missionária (GAM) Jovens Cristãos em Ação (JCA)	16 – 35 <sup>8</sup>
União de Jovens (UNIJOVEM)	União dos integrantes do GAM e da JCA
Sociedade de Homens Batistas (SHB) Mulheres Cristãos em Ação (MCA)	> 35 – Homens e mulheres casados, independentes da idade.

Como vimos anteriormente, as Igrejas Batistas são independentes entre si, no que se diz respeito sua direção pastoral, bem como as finanças, liturgias, entre outros, porém no aspecto ideológico, pelo menos em parte é centralizado. Anualmente, nas Assembléias da Convenção Brasileira<sup>9</sup>, é decidido um tema para ser discutido durante o ano, por exemplo, como acontece com a CNBB (Confederação Nacional de Bispos do Brasil) que decide uma temática para ser tratado até o período de outra Assembléia. As igreja filiadas à Convenção Brasileira, especialmente as filiadas à ASBAF, abordam a temática escolhida de acordo com suas

<sup>7</sup> Entre eles: Ser professor da EBD (Escola Bíblica Dominical), dirigir culto, pregar nas congregações e visitas evangelísticas, etc.

<sup>8</sup> No caso dos membros com mais de 17 anos casados podem optar em permanecer tanto no GAM /JCA ou da SHB/MCA, observando o limite etário de 35 anos, onde deverá fazer parte da segunda opção.

<sup>9</sup> O aperfeiçoamento dos santos no cultivo da fidelidade. Tema do ano de 2007.

especificidades. O objetivo, tanto da Convenção, como da ASBAF é de auxiliar nos trabalhos das igrejas associadas: “A ASBAF objetiva coordenar o trabalho de cooperação ente as Igrejas Batistas que com ela colaboram visando a, sobretudo, desenvolver a obra da evangelização e missões, ação social e integração” (Artigo 3º do Regimento Interno da ASBAF).

Diferentemente da rede religiosa católica e da Igreja Universal do Reino de Deus, entre outros exemplos, têm suas redes centralizadas, Vaticano e o “Templo Maior”, respectivamente. Além da centralização ideológica (doutrinas, liturgias, sacramentos), há as centralizações financeiras e sacerdotais, ou seja, não há autonomia na nomeação dos padres e pastores pelos membros das respectivas igrejas a que pertencem, mas sim pelo *poder central*.

#### 4.1 – Caracterização da Rede Religiosa da ASBAF

A caracterização da Rede Religiosa das ASBAF será fundamentada a partir de Corrêa (1997) que aborda as redes segundo as dimensões de análise das redes geográficas. As três dimensões tratadas pelo autor são: a) dimensão organizacional, b) temporal, e c) espacial. A primeira “refere-se à configuração interna da entidade estruturada em rede, abrangendo os agentes sociais, a origem da rede, sua existência e construção, sua formalização e organicidade” (CORREA, 1997, 133). A dimensão temporal “envolve a duração da rede, a velocidade com que os fluxos nela se realizam, bem como a frequência que a rede se estabelece (Ibdem). Por fim a dimensão espacial consiste na abrangência no espaço geográfico desta rede (Ibdem). Para melhor compreensão observe o quadro 1, baseado em Correa (1997, 135 - 6), modificado para caracterizar a rede da ASBAF, segundo as idéias do autor.

Na primeira dimensão de análise, a natureza dos fluxos – informações e pessoas – estão vinculadas a idéia discutida anteriormente a respeito do tema atual da convenção Batista e, quanto ao fluxo de pessoas, podemos nos referir, tantos entre visitas simples dos membros das igrejas associadas, bem como de trabalhos de evangelização em determinada igreja associada, onde se reúne um número determinados de irmãos representando suas respectivas igrejas. Quanto a finalidade – *solidariedade* – destaca-se a coesão dos membros em torno da mesma fé, compartilhando as dificuldades da vida secular uns aos outros, “Consolai-vos, pois, uns aos outros com estas palavras”<sup>10</sup>, bem como a ajuda financeira entre os fiéis, quando da dificuldade financeira: desemprego, doença na família, entre outros, “Levai as cargas uns dos outros e, assim cumprireis a Lei de Cristo”<sup>11</sup>. Estes dois trechos da Bíblia Sagrada, entre outros, fundamentam o princípio da ajuda mútua e do desenvolvimento do sentimento de empatia entre os “irmãos da fé”<sup>12</sup> no seio da igreja. No tocante a classificação da duração, Corrêa (1997) afirma que a duração da rede da Souza Cruz é longa (desde 1903), não se referindo em seu trabalho uma escala de tempo para essa classificação. Sendo assim a ASBAF, com seus 51 anos (em 2007) foi, neste trabalho, classificada em *média*, devido sua duração coincidir na faixa média da rede da Souza Cruz (104 anos, em 2007). Na frequência, a ASBAF, enquanto associação se reúne uma vez por mês (3º sábado do mês), porém suas igrejas associadas reúnem-se praticamente diariamente, segundo os dias de culto de cada igreja. A *escala regional* é devido a influência exercida em outros municípios da região, especialmente de Feira de Santana e de Itaberaba. A *conexão*, interna e externa é pouca em virtude da pouca centralização desta rede, bem como as dificuldades enfrentadas por cada membro das igrejas associadas no que se refere a questão da “falta de tempo” ou de recursos financeiros, os quais são fundamentais para as viagens de intercâmbio entre as igrejas associadas, uma vez que, geralmente, cada fiel arca com seus custos (transporte e alimentação), onerando ainda mais quando os trabalhos são realizados em outros municípios.

---

<sup>10</sup> 1º Epístola de Paulo aos Tessalonicenses, Capítulo 4, versículo 18. Bíblia Sagrada. Tradução José Ferreira de Almeida. Segunda edição revista e atualizada no Brasil. 1997.

<sup>11</sup> Livro de Gálatas, Capítulo 6, versículo 2. Ibdem.

<sup>12</sup> Pessoas que freqüentam a mesma igreja ou denominação.



**QUADRO 1**  
**CARACTERIZAÇÃO DA REDE RELIGIOSA DA ASBAF**

Redes Analisadas Segundo		Especificação	Exemplos
<b>Dimensão Organizacional</b>	Agentes sociais	Instituição (ASBAF)	Igrejas Associadas
	Natureza dos fluxos	Informações e pessoas	Tema Anual da Convenção Baiana e movimentação de membros entre as igrejas filiadas.
	Finalidade	Solidariedade	Tanto espiritual (auto-estima) como material (campanhas para ajudar irmãos em dificuldades financeiras).
	Existência	Virtual	Ligações potenciais via telefone.
	Formalização	Formal	Registro Formal.
<b>Dimensão Temporal</b>	Duração	Média	Desde 1956.
	Velocidade dos fluxos	Instantânea	Via telefone, e-mail.
	Frequência	Periódica	Reuniões mensais.
<b>Dimensão Espacial</b>	Escala	Regional	Microrregiões de Feira de Santana e Itaberaba.
	Forma espacial	Paralela	Orientação de Leste para Oeste da Bahia.
	Conexão	Interna	Pouca (devido a independência das Igrejas).
		Externa	Pouca (devido a independência das Igrejas).

FONTE: CORREA, 1997, 135–6. *Adaptado.*

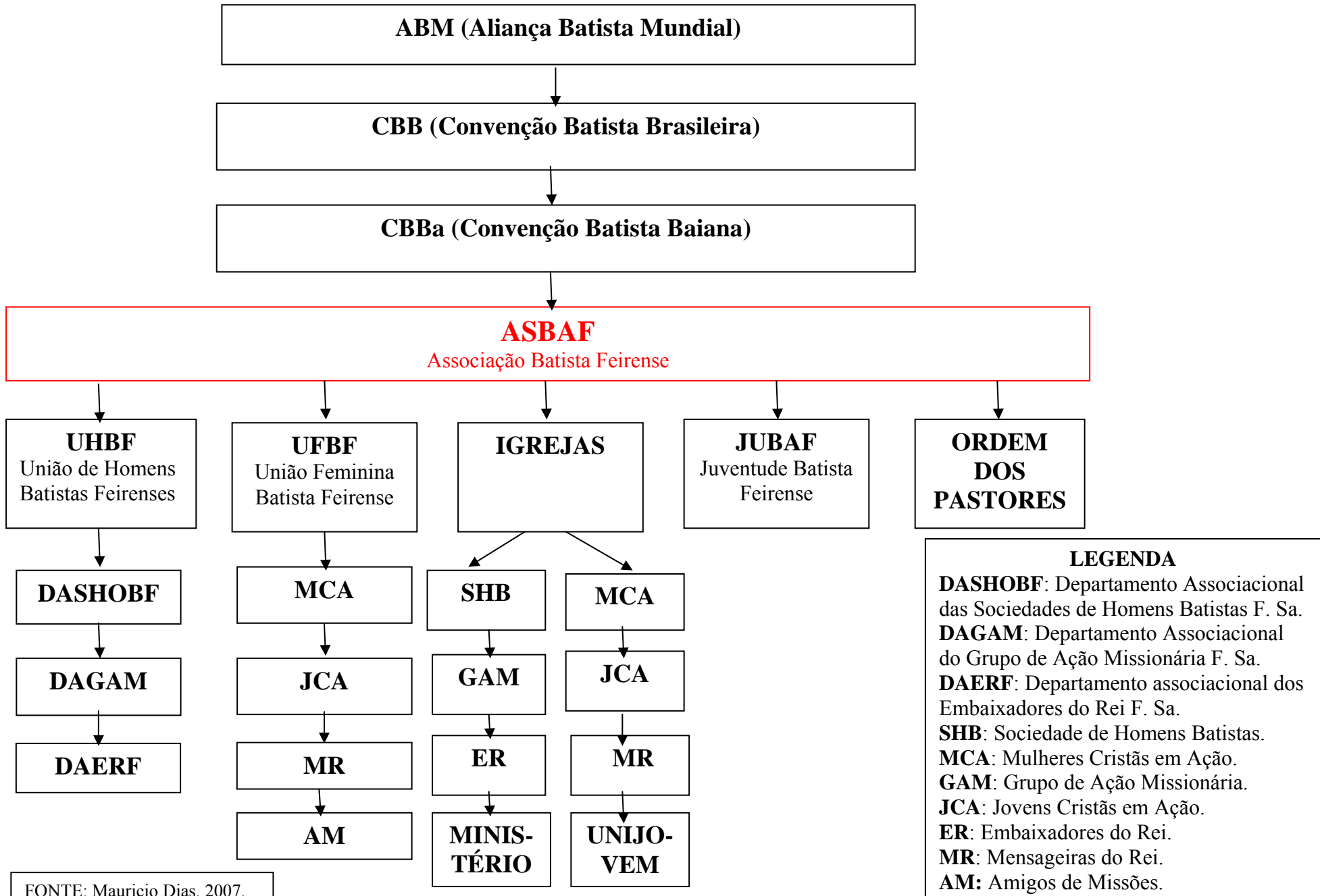
#### **4.2 – Contraponto entre a Rede Religiosa da ASBAF e a Rede Religiosa Pentecostal.**

Almeida (2005) estuda a expansão das igrejas pentecostais no Brasil nas últimas décadas a partir de três temáticas: a) fluidez dos conteúdos simbólicos; b) a mobilidade dos evangélicos entre as várias denominações cristãs; e c) vínculos religiosos com fator a atração e integração social.

Vamos nos apropriar da terceira temática, ou seja, a coesão e integração social engendrada a partir dos vínculos religiosos, especialmente o protestantismo.

(...) pode-se afirmar que as redes evangélicas trabalham em favor da valorização da pessoa e das relações pessoais, gerando ajuda mútua com o estabelecimento de laços de confiança, além do aumento da auto-estima e do impulso empreendedor. (ALMEIDA, 2005, p. 10)

# ORGANOGRAMA DA ASBAF



FONTE: Mauricio Dias, 2007.

A valorização das relações interpessoais e dos vínculos sociais defendidos pelas religiões cristãs protestantes são uma alternativa em meio os valores apregoados pela sociedade moderna: competitividade, individualização, distanciamento entre as pessoas nos grandes centros, etc. No caso da ASBAF, que é composta de igrejas tradicionais (não-pentecostais) a valorização do *impulso empreendedor*, destacado por Almeida, não tem foco principal no seu corpo doutrinário, uma vez que Jesus Cristo proclamava a abnegação em detrimento do acúmulo de bens “(...) que aqui na terra a traça e a ferrugem corroem e os ladrões escavam e roubam”.<sup>13</sup>

Na comparação entre as denominações cristãs pentecostais e não-pentecostais, Almeida destaca a diferença entre uma e outra no que se refere a intensidade entre a coesão social entre essas duas concepções religiosas.

(...) pode-se compreender que estes “pentecostalismo de serviços”, “pentecostalismo de auto-ajuda”, “pentecostalismo midiático”, “pentecostalismo de massa” não propiciam de forma tão intensa quanto o pentecostalismo mais tradicional a formação de vínculos mais restritos com a comunidade e, por conseguinte, não se ancora em relações de “longo prazo” (ALMEIDA, 2005, 14).

A coesão interna é maior nas denominações não-pentecostais ou tradicionais, especialmente, nas igrejas batistas da ASBAF, uma vez que a estrutura organizacional das mesmas favorece essa integração, guardando, contudo às exceções. No caso das denominações pentecostais e, sobretudo neopentecostais<sup>14</sup>, os cultos são caracterizados por campanhas em prol da prosperidade individual, onde a fé de cada um será responsável pelo seu êxito. Além das campanhas financeiras há também grande ênfase na operação de curas e milagres, bem como da prática do exorcismo - retirada dos maus espíritos que se apossam das pessoas para as atormentar. Apesar dessas práticas serem benéficas aos membros dessas igrejas, o seu caráter temporário não favorece o desenvolvimento das relações de longo prazo entre os fiéis. Outra observação importante consiste na ausência de organizações internas, baseadas, geralmente na faixa etária (crianças, jovens, adultos, anciãos) ou no gênero (masculino e feminino), as quais favorecem o vínculo interno, como já foi visto acerca das igrejas tradicionais, estando divididos, basicamente, em: pastores, obreiros<sup>15</sup> e membros em geral.

## 5. Conclusão

A geografia, enquanto ciência que estuda o espaço geográfico, deve se apropriar da vários ramos do conhecimento para atingir seu objetivo. Dentre uma diversidade de conceitos, categorias de análise e temas pode-se analisar geograficamente o espaço, especialmente através das redes geográficas, das quais se derivam muitas outras entre elas, as redes religiosas, como foi visto anteriormente. Vimos como o viés ideológico influencia na sociedade, sobretudo o viés ideológico religioso, e de como a estruturação de uma rede religiosa pode influenciar numa sociedade, ou numa fração desta. Portanto, a pretensão deste estudo consiste no despertamento das inquietações dos leitores, (como também a nossa ao lermos uma variedade de textos para referenciá-lo) acerca da análise espacial a partir do estudo das redes geográficas, as quais modificam e, ao mesmo tempo se adaptam em função do espaço geográfico subjacente, como numa relação dialética.

---

<sup>13</sup> Paráfrase do versículo 20 do Capítulo 6 do Evangelho de Mateus.

<sup>14</sup> Igrejas fundadas no Brasil a partir da década de 60 do século passado. Guarder assim os definem: “*Os neopentecostais conservam do pentecostalismo clássico o estilo de culto fortemente emocional, voltado para o êxtase, com papel de destaque para a glossolalia, o exorcismo e o milagre, visados sempre como resultados palpáveis a ser experimentados de imediato.*” (Guaarder, *eT al*, 2000, 288).

<sup>15</sup> Uma espécie de membro mais velho e que se dedica no auxílio do pastor nos cultos. Não são remunerados.

## 6. Referências

- ALMEIDA, Ronaldo de. **A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade.** Fonte: [http://www.centrodametropole.org.br/pdf/pentecostalismo\\_circula\\_o\\_e\\_flexibilidade\\_1\\_pdf](http://www.centrodametropole.org.br/pdf/pentecostalismo_circula_o_e_flexibilidade_1_pdf). Acesso em: Maio de 2007.
- ASBAF (Associação Batista Feirense). **Estatuto da Associação Batista Feirense.** Feira de Santana, 1999.
- ASBAF (Associação Batista Feirense). **Regimento Interno da ASBAF.** Feira de Santana. [entre 1997 e 1999].
- BECKER, Bertha; EGLER, Cláudio. **Brasil: Uma nova potencia regional na economia-mundo.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Dimensões de análise das redes geográficas.** In: \_\_\_SILVA, José Borzacchiello; COSTA, Maria Célia L.; DANTAS, Eustógio Wanderley C. (Org). *A cidade e o urbano. Fortaleza: EUFC, 1997.*
- DIAS, Leila Christina. **Redes eletrônicas no território brasileiro.** In: \_\_\_CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. Costa; CORRÊA, Roberto L. (Org). *Brasil: Questões atuais na organização do território.* Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
- DIAS, Leila Christina. **Redes: emergência e organização.** In: \_\_\_CASTRO, Iná E.; GOMES, Paulo C. Costa; CORRÊA, Roberto L. (Org). *Geografia: Conceitos e Temas.* 5º ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.
- DIAS, Leila Christina. **A cidade, a metrópole e o modo de vida: notas para discussão.** In: \_\_\_CARLOS, Ana Fani a. e LEMOS, Amália Inês G. *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade.* 2º ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- GAARDER, Jostein; HELLERN, Victor; NOTAKER, Henry. **O Livro das Religiões.** São Paulo: Cia das Letras, 2000.
- LIMA, Jaime Augusto. **Que povo é esse? História dos Batistas Regulares no Brasil.** São Paulo: Batista Regular, 1997.
- RAFESTIN, Claude. **Por uma geografia do poder.** São Paulo: Ática, 1993.
- SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: Técnica e Tempo. Razão e emoção.** 2º ed. São Paulo: Hucitec, 1997.
- SEPLAN (Secretaria de Planejamento) do município de Feira de Santana – Ba. **Mapa da zona urbana de Feira de Santana.** 2003.
- SILVA, Bárbara-Christine Nentwig. *Et al.* **Atlas Escolar Bahia: o espaço geo-histórico e cultural.** 2º ed. João Pessoa: Grafset, 2004, p. 26.